

# NIETZSCHE NA POESIA DE WALY SALOMÃO

Flávio L. T. S. Boaventura

Centro Federal de Educação  
Tecnológica de Minas Gerais -  
CEFET-MG. Professor do Programa  
de Pós-Graduação em Estudos de  
Linguagens.



## Resumo

poeta Waly Salomão (1943-2003) manteve, sabidamente, forte ligação com o que há de mais essencial do pensamento trágico nietzschiano. Poeta de múltiplas polinizações e linguagens, além de demolidor incansável de fronteiras, Waly adorava baralhar antigas categorias estéticas. Impulsionada por “câmara de ecos e algaravias”, sua poesia transitou por vários léxicos como se estivesse palmilhando diferentes estratégias de fundir a escrita com a plasticidade da vida, e vice-versa. Portadora de um “espírito dionisíaco”, sua produção mescla metáforas, sentenças, parábolas, chistes, aforismos e não cede espaço para nenhuma verdade dogmática. Ao contrário. Afeito ao pensamento enviesado, de cunho antimetafísico, Salomão sempre foi um poeta entusiasmado pela multilinguagem e combateu ferozmente a monotonia do cânone. “Amante da algazarra e gigolô de bibelôs”, sua obra demonstra ser, a um só tempo, repulsa do espírito fatigado e paixão incondicional pela *alegria*.

Palavras-chave: Waly Salomão. Nietzsche. Alegria. Trágico.

O que define o trágico é a alegria do múltiplo, a alegria plural.

(Gilles Deleuze, 1976, p. 14)

A poesia de Waly Salomão (1943-2003), sabidamente ambivalente e mutante, não comporta certezas nem tampouco admite generalidades convencionais: “o diabo faz seu ninho/ é nos galhos/ dos detalhes” (SALOMÃO, 2000, p. 19).

Rechaçar todas as categorias que comportem um geral e/ou um universal funciona, em Waly, como um irresistível dispositivo para forjar certa vontade de enganar. Demolidas as estruturas filosófico-metafísicas (dicotômicas), cabe ao poeta rivalizar com todo ideal ascético, não mais despendendo esforços com

“verdades infalíveis”. Resta ao poeta, portanto, reconhecer no disfarce (máscara, duplo) o poderio do falso. É nesse sentido, a meu ver, que a poética de Waly instala sua usina de provocação: curto-circuito de potências efêmeras que afirmam novas possibilidades de vida. Afinal,

o mistério continua, o fundo abissal das coisas não é suprimido (...) em hipótese alguma, mas o poeta continua em uma busca tonta, então, tem sido demente, mas tem que continuar, pois outro caminho não há” (SALOMÃO, 2005, p. 143).

Não será demais lembrar aqui a importante distinção que Nietzsche (1998) faz entre o sofrimento inerente à vida e a falta de sentido do sofrimento assumido como maldição. De acordo com o filósofo, o que torna o sofrimento intolerável para a humanidade é a falta de sentido, e não a violência da dor, sua aparência de impotência diante do acaso da vida. (NIETZSCHE, 1998, p.57-58). É nesse sentido que o poeta cultiva aparências, “aporta ao lugar do simulacro, o poeta feito máscara, persona em que o oco dobra e multiplica a voz do outro em timbre próprio e impróprio, espaço impreenchível em que escrever é vingar-se da perda.” (ARRIGUCCI JR., 1996).

A contradição entre ideal e real – que gera uma revolta contra as condições “naturais” da vida – traduz, de acordo com Nietzsche, uma experiência de impotência ou doença. O indivíduo que se sente capaz de querer o que é não procura respostas “atrás das estrelas”: ele afirma o devir (sempre mutável), tece figurações em torno da morte (percebe-se mortal, parte integrante da natureza) e livra-se de todas as “certezas”, tornando-se amante do falso.

Com isso o poeta aguça a potencialidade da linguagem e a criatividade de sua elaboração, seja celebrando a falta e o vazio, seja zombando da experiência da morte sem morrer:

Mas a ira é bagagem do criador. Quem cria tem ímpetos de destruir quando a criação fica impertinente. E eu enquanto criador não difiro neste pormenor do lote dos demais criadores. Inventar criaturas diáfanas foi este o truque que me coube para driblar o caos ameaçador, a minha forma de assentar colônia na selva selvagem. Colônia? Como o senhor logo percebe ainda estou longe de conseguir encolher meu hiperbolismo pois só com muita boa vontade meu território passaria no registro como uma parca clareira. Meu pangaré é meu

reino. Sou um demiurgo barato mas esperto quanto à intuição essencial: somente a crueldade nos transveste em similares dos deuses (SALOMÃO, 2005, p. 102-103).

Afirmar o que é implica agir na contramão de qualquer Ideal, significa não cativá-lo. Todas as tentativas de descartar essa aceitação e reduzi-la a uma detestável forma de “tolerância” devem ser de antemão abolidas. O desafio nietzschiano do trágico dizer sim, retomado por Rosset para descrever seu princípio de realidade suficiente, recai sobre a poética dionisíaca de Salomão na medida em que, para o poeta, poesia é trabalho árduo de interação com o mundo sensível, corruptível, falível.

Waly é o tipo de criador que recusa ideias prontas, idealizações e cristalizações preestabelecidas: “a poesia não salva nada nem ninguém, ela somente supre o buraco da perda das certezas” (SALOMÃO, 2005, p. 61). Celebrar o perecível e satisfazer-se no mundo sensível, sem cânones e generalizações. Isso pode exigir uma tarefa mais espinhosa e difícil, mas não menos estimulante: reverter o platonismo significa expulsar todo não-poético: “Que a poesia nos desoprima” (SALOMÃO, 2005, p. 58).

Eis a ruptura total com todo projeto de se fazer de vítima. A natureza intrinsecamente trágica da realidade pode ser confirmada pelo “caráter insignificante e efêmero de toda coisa do mundo” (ROSSET, 2002, p. 17), ignorando todos os pedidos de apelo.

A poesia de Waly é produtora incondicional de metáforas, parábolas, aforismos e não cede espaço para nenhuma verdade dogmática. Detentora de gingado fluido e incerto, mostra-se entusiasmada pela diferença e é opositora ferrenha da mesmice.

Amante da algazarra, sua obra demonstra ser, a um só tempo, repulsa do espírito conformista e paixão incondicional pela gargalhada. Para quem sabe poder, assim e enfim, devolver a morte à vida:

Agora é todo dia ancorar a caravela na enseada  
Subir encosta acima até o cocoruto do pedregulho  
E tirar chinfra com uns bons balaços-balanços de  
linguagem (SALOMÃO, 2000, p. 39).

O confronto com os textos de Waly Salomão traz à tona o caráter ambivalente de sua produção, na qual o perspectivismo e experimentalismo estão, de certa forma, relacionados.

Embaralhar todos os códigos, dissolver todas as fronteiras em busca de uma vacância nômade: essa parece ser uma proposta cara ao poeta. Escorregadio, afinal, ele está credenciado para experimentar a transversalidade das dicções poéticas.

Cabe também sublinhar o caráter experimental dos textos de Waly Salomão. Seus aforismos – modo muitas vezes por ele privilegiado – não são senão renovadas tentativas bem humoradas de refletir sobre algumas questões, já que possibilitam experimentos com o pensar: “Faça você mesmo seu microtabuleiro/ enquanto jogo linguístico” (SALOMÃO, 2000, p. 68).

Daí a importância do festivo, o desfile de máscaras que faz o seu carnaval de metáforas: nomadismos múltiplos, intensidades impregnadas de travessuras. Nesse sentido, vale lembrar que o caráter do trágico nietzschiano é, acima de tudo, alegre, exatamente porque ama o seu destino:

Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas *amá-lo...* (NIETZSCHE, 1995, p. 51).

Esta é a arte de transfigurar empecilhos em expedientes: afirmar alegremente acasos e necessidades, descartando conformismos, resignações e submissões passivas. *Amor fati* demanda vitalidade (ou “vitalismo”, nos termos de Deleuze, 1976) para realizar uma multiplicidade de planos heterogêneos de existência; afirmação dionisíaca do que advém. De acordo com Nietzsche, aliás, não há maior afirmação dos diversos planos de existência do que a afirmação de tudo que retorna (tragicamente) sem cessar (Heráclito).

Não por acaso, a alegria é tematizada por Clément Rosset como expressão máxima de uma radical adesão ao viver (a vontade de potência de Nietzsche), cuja experiência esplendorosa consiste em exaltar, de maneira incondicional, a inafiançável transitoriedade da vida:

a alegria constitui a força por excelência, seja simplesmente por dispensar, precisamente, a esperança – a *força maior* em comparação com a qual toda esperança aparece como derrisória, substitutiva, equivalente a um sucedâneo e a um produto de substituição (ROSSET, 2000, p. 29).

Nesse sentido pode-se dizer que o aforismo é, à maneira de Nietzsche, alegre e risonho – ou será melhor dizer ridente? – exatamente porque ele funciona como ferramenta de trabalho (máquina de guerra) contra as investidas político-religiosas do sério: através de seu caráter humorístico (irônico e sarcástico), podem-se revelar os dilemas de cada época. Aforismo enquanto desterritorialização, ou seja, agenciamento construído sobre linhas de fuga, forma enviesada de pensamento-acontecimento sem certezas demarcatórias.

## NIETZSCHE IN WALY SALOMÃO'S POETRY

### ABSTRACT

The poet Waly Salomão (1943-2003) maintained connection to what is more essential in the Nietzschean tragic thought. A poet of languages multiples, in addition to being a border breaker, Salomão loved shuffling old aesthetic categories. Driven by a “chamber of echoes and gibberish”, his poetry moved through various lexicons as if treading through different strategies to merge writing with the plasticity of life. Carrying a “Dionysian spirit”, his production mixes metaphors, sentences, parables, jokes, aphorisms and does not give room for any dogmatic truth. On the contrary, accustomed to biased thought of anti-metaphysical nature, Salomão was always a poet excited about multilanguage and fiercely fought against the monotony of the canon. *Lover of hubbub and gigolo of bibelots*, his work proves to be, at the same time, the repulse of the wearied spirit and an unconditional passion for joy.

Keywords: Waly Salomão. Nietzsche. Joy. Tragic.

### REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR, DAVI. In: SALOMÃO, Waly. *Algaravias – Câmara de ecos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Edmundo F. Dias e Ruth J. Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. 2. ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROSSET, Clément. **Alegria: a força maior**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ROSSET, Clément. **O princípio de crueldade**. 2. ed. rev. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro Rocco, 2002.

SALOMÃO, Waly. **Armarinho de miudezas**. Ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

SALOMÃO, Waly. **Tarifa de embarque**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Recebido em: 25/06/2015

Aceito em: 05/11/2015